

ANÁLISE DO *ETHOS* DO PRESIDENTE LULA À LUZ DA SEMIOLINGÜÍSTICA DISCURSIVA

Alisson Fernando Abreu de SOUSA¹
Maria Margarete Fernandes de SOUSA²

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de analisar os *ethé* construídos por Luiz Inácio Lula da Silva em seu discurso de posse presidencial, proferido em 1º de janeiro de 2023. Para tanto, consideramos a conjuntura histórico-social e política (condições de produção do discurso e espectro político), bem como os aspectos linguístico-textuais verificáveis no discurso. A teoria de base fundamenta-se na Análise Semiolingüística do Discurso (Charaudeau, 2001; 2005; 2015; 2016). Em relação à abordagem metodológica, nossa pesquisa é caracterizada pelos tipos descritivo, qualitativo e explicativo, de análise de dados. Como resultados, o presente estudo evidencia que Lula constrói de si imagens de nacionalista, de solidário e de competente, não apenas para facilitar o processo de interpretação, mas também para convencer o povo da eficácia de seu novo projeto político.

Palavras-chave: *ethos*; semiolingüística; posse presidencial; Lula.

Abstract: This article aims to analyze the *ethé* constructed by Luiz Inácio Lula da Silva, in his presidential inauguration speech, given in 2023, considering the historical-social and political situation (discourse production conditions and political spectrum), as well as the linguistic-textual aspects verifiable in the speech. The basic theory that underpins the analysis is postulated by the ideas of Charaudeau (2001; 2005; 2015; 2016), who proposes Semiolingüistic Discourse Analysis. Regarding the approach, our research is characterized by descriptive, qualitative and explanatory types of data analysis. As results, the present study shows that Lula constructs images of himself as nationalist, supportive and competent, not only aiming to facilitate the process of interpretation, that is, of making himself understood, but also to convince the people of the effectiveness of his new political project.

Keywords: *ethos*; semiolingüistics; presidential inauguration; Lula.

Introdução

O *ethos* é objeto de análise de diversas perspectivas teóricas (filosófica, retórica, literária, pragmática, política, sociológica, antropológica, discursiva, entre outras), razão pela qual delinear a sua dimensão conceitual é uma tarefa árdua. Amossy (2013, p. 9), por exemplo, defende que “[...] todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si”. Charaudeau (2015, p. 86), por sua vez, afirma que “[...] a partir do momento em que falamos, aparece (transparece) uma imagem daquilo que somos por meio daquilo que dizemos”.

No arcabouço dos estudos da linguagem, mais especificamente, o *ethos* pode ser analisado em diferentes vertentes, dentre as quais se destacam a Retórica aristotélica, a

¹ Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: alissonabreu7@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5926-3521>

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: margarete.ufc@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4336-5486>

Análise do Discurso de linha francesa, a Análise de Discurso Crítica, a Argumentação, a Enunciação, a Semiologia Discursiva, entre outras, cujos parâmetros metodológicos variam conforme o entendimento que se tem acerca desse fenômeno.

Dessa riqueza conceitual, operacional e analítica, interessa-nos, fundamentalmente, a ótica da Semiologia Discursiva proposta por Patrick Charaudeau. Tal vertente discursiva nos possibilita não apenas analisar as imagens de si construídas pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em seu discurso de posse presidencial, proferido em 1º janeiro de 2023, mas principalmente percebermos como o *ethos* configura-se como uma das estratégias discursivas mais elementares do discurso político.

Vale ressaltar que diversos trabalhos, sob uma perspectiva teórico-metodológica fundada na ASD, investigam a construção de imagens de si de Lula em discursos políticos, os quais englobam situações de comunicação de posses presidenciais, de debates televisivos, de campanhas políticas, entre os quais se destacam Abreu (2021), Baviera (2008), Freitas (2012), Oliveira (2019), Rocha, Melo e Moura (2023).

Em maior ou em menor grau, tais pesquisas estão ancoradas nas categorias de análise dos *ethé* de credibilidade e de identificação apresentadas por Charaudeau (2015), a partir de elementos não-verbais (tom da voz, gestos, comportamentos, maneiras de falar), de poucos indícios linguísticos e do conteúdo expresso pelo sujeito falante no discurso político. No entanto, não existem muitos estudos que se dedicam a uma análise de *ethos* que leve em consideração os recursos linguístico-textuais, os quais servem à construção e à interpretação das imagens de si projetadas no e pelo discurso político.

Outro ponto que deve ser ressaltado do estado da arte acima é a diversidade de parâmetros metodológicos que servem à análise dos *ethé* no discurso político, o que só evidencia a dinamicidade e a complexidade do fenômeno. Todavia, não observamos uma adequação das tipologias de *ethé* de credibilidade e de identificação aos *corpora* analisados, nem às situações de comunicação política específicas do cenário brasileiro.

Por fim, não vislumbramos, no recorte de pesquisas acima detalhado, uma análise do *ethos* de Luiz Inácio Lula da Silva em seu discurso de posse presidencial, proferido em janeiro de 2023, considerando a conjuntura político-social em que está inserido e o seu posicionamento no espectro político de esquerda.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar os *ethé* de credibilidade e de identificação construídos por Lula, em seu terceiro discurso de posse presidencial, com base (i) nas especificidades da conjuntura histórico-social, (ii) na forma como o espectro político orienta o posicionamento do enunciador no discurso político, e, conseqüentemente, determina a constituição dos *ethé*, e (iii) nos aspectos linguístico-textuais verificáveis, principalmente, na mobilização de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais.

O estudo aqui empreendido justifica-se por razões de duas ordens: uma teórico-metodológica e outra sociopolítica. Primeiramente, esta pesquisa faz uma delimitação temática do fenômeno abordado: empreendemos uma análise do *ethos* discursivo no discurso de posse presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva, sob uma perspectiva semiológica, levando em consideração a conjuntura político-social (espectro político de esquerda, conjuntura histórico-social de produção do discurso) e os aspectos linguístico-textuais. À segunda ordem, justifica-se porque possibilita a compreensão de que o *ethos* é uma categoria discursiva intrínseca do âmbito político, por meio do qual é possível perceber, de modo crítico e atento, as várias minúcias implícitas e explícitas do sistema político brasileiro, as ideologias, as estratégias utilizadas, no espaço do dizer, para comunicar, para manipular, para influenciar o outro. Nesse viés, entendemos que o *ethos*, para além de uma imagem de si projetada no plano discursivo, por um sujeito

comunicante que possui papéis sociais e discursivos, é uma espécie de lente pela qual se pode observar aspectos diversos presentes na cena de enunciação política.

A conjuntura político-social do discurso de posse presidencial de Lula

No bojo teórico da ASD, Charaudeau (2015; 2016) reconhece a necessidade de se descrever os elementos não apenas linguísticos, mas também sociais, históricos, culturais e ideológicos, os quais constituem a situação de comunicação política, haja vista que cada “[...] ato de linguagem ocorre conforme certas condições de enunciação” (Silva, 2013, p. 236), pelas quais se organiza e se constrói o discurso.

Assim, Charaudeau (2016, p. 17) examina o ato de linguagem como um objeto duplo, o qual é “[...] constituído de um Explícito (o que é manifestado) e de um Implícito (lugar de sentidos múltiplos que dependem das circunstâncias de comunicação)”. Nessa perspectiva, como posição metodológica, Charaudeau (2016, p. 18) admite que se deve elucidar as relações existentes entre os elementos linguísticos, a intencionalidade dos sujeitos e os elementos extralinguísticos, os quais formam as circunstâncias histórico-sociais da comunicação política, para que, assim, “[...] surjam confrontos significantes, testemunhos da relação do ato de linguagem com suas condições de produção-interpretação”.

Na tentativa de conceber o ato de linguagem como um fenômeno social, linguística e historicamente condicionado, o autor propõe a noção de contrato de comunicação, o qual se refere “[...] ao conjunto de condições nas quais se realiza qualquer ato de comunicação” (Charaudeau; Mainueneau, 2004, p. 132). Nessa ótica, tais condições são imprescindíveis na produção e na interpretação do ato de linguagem (porque permitem que os sujeitos interajam entre si e se entendam minimamente), em que se levam em consideração tanto as circunstâncias (sociais, políticas, ideológicas, linguísticas) que determinam a construção do discurso e do *ethos* quanto os papéis sociais dos sujeitos participantes da encenação linguageira. Por essa razão, nesta pesquisa, sustentamos a ideia de que a conjuntura histórico-social do terceiro mandato presidencial de Lula e a sua posição à esquerda do espectro político são elementos fundamentais na projeção de imagens de si em seu discurso de posse presidencial.

Além disso, a noção de contrato “[...] pressupõe que indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis de chegar a um acordo sobre as representações dessas práticas sociais” (Charaudeau, 2016, p. 56). Dessa forma, entendemos que o sucesso do ato de linguagem, no âmbito político, é resultante dos condicionantes (externos e internos) que constituem o contrato de comunicação político, por meio do qual é possível a construção do *ethos*, principalmente quando o político faz referência (explícita ou implicitamente) a situações que constituem uma conjuntura histórico-social, seja para justificar as suas decisões e atos políticos; criticar as instâncias adversária e midiática; defender as suas ideias político-ideológicas, base de um governo; projetar seu mandato político; legitimar o seu papel sociopolítico de presidente; ressaltar a sua trajetória política.

Governo Lula: terceiro mandato presidencial (2022-2026)

Luiz Inácio Lula da Silva se tornou o 39º presidente da República brasileira após ganhar o segundo turno das eleições presidenciais em 2022, assumindo pela terceira vez o maior cargo da política brasileira. A solenidade de posse no Palácio do Planalto foi marcada pela diversidade popular e quebra de protocolo (representantes do povo passaram a faixa presidencial e não o ex-presidente), pela presença em massa de

autoridades internacionais, por uma série de momentos emblemáticos e simbólicos (Lula assinou sua posse com uma caneta que ganhou de um operário nas eleições presidenciais de 1989, por exemplo).

Além disso, o pleito presidencial de 2022 foi disputado principalmente por Lula (PT) e por Jair Bolsonaro (PL), o qual tentava a reeleição. À época, em decorrência de ideias políticas distintas e antagônicas, foi perceptível uma histórica polarização político-ideológica, fato que ocasionou uma divisão eleitoral notadamente marcada (Tarouco, 2022). Sob esse prisma, para entendermos a conjuntura política e econômica do terceiro mandato presidencial de Lula, é preciso tecer, ainda que brevemente, algumas considerações sobre a controversa condenação e prisão de Lula pela “Operação Lava Jato” e sobre a gestão presidencial de Jair Bolsonaro (2018-2022), seu antecessor imediato.

Em meados de 2014, a “Operação Lava Jato” foi deflagrada com o intuito de investigar um esquema de lavagem e desvio de dinheiro envolvendo a Petrobras, grandes empreiteiras nacionais e alguns partidos políticos, dentre os quais se encontravam membros do PT. À época, o ex-presidente Lula foi um dos principais alvos de tal operação, sob a justificativa de ter cometido supostos crimes de enriquecimento ilícito e por corrupção contra a Administração Pública.

Lima e Linhares (2021, p. 374), à luz de um referencial jurisprudencial consistente, afirmam que as decisões judiciais de tal operação “[...] contribuíram para a percepção de falta de imparcialidade do aparato de aplicação da lei”. Entre outras violações constitucionais, a Lava Jato vazou informações sigilosas, acelerou as ações para condenar Lula antes do pleito presidencial de 2018, e mobilizou uma “espetacularização midiática” do processo penal.

Para Boito Jr. (2017, p. 9), na verdade, a “Operação Lava Jato” tinha como principal objetivo “[...] encerrar com o ciclo de governos do PT”, pois, além de fortalecer diretamente o movimento pelo *impeachment* de Dilma Rousseff em 2016 (destituindo-a de seu mandato e tornando-a inelegível a cargos públicos por oito anos), condenou Lula à prisão e, conseqüentemente, impediu-o de concorrer à presidência em 2018.

É inegável que a polêmica e arbitrária “Operação Lava Jato” teve profundo impacto na política brasileira, já que influenciou diretamente a eleição de Jair Messias Bolsonaro à presidência do Brasil em 2018. Em relação ao mandato presidencial de Bolsonaro, é importante destacar algumas de suas principais atitudes políticas, econômicas e discursivas.

Vale ressaltar, inicialmente, que Bolsonaro obteve um baixo índice de aprovação ao término de sua administração política. Entre os principais motivos dessa avaliação negativa de seu governo, podemos citar os seguintes: i) atuação considerada negacionista na pandemia da COVID-19; ii) declarações polêmicas e atitudes políticas controversas; iii) afastamento de forças econômicas e políticas mundiais; iv) postura depreciativa em relação às ciências humanas (Rennó, 2022).

Em relação ao combate do Coronavírus emergido em 2019, cada país adotou um conjunto de estratégias e de medidas sanitárias estabelecidas pelas diretrizes da Organização Mundial de Saúde (OMS). Entretanto, o então presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, assumiu um posicionamento controverso, principalmente no que diz respeito à ineficácia do isolamento social e de seus impactos na economia nacional. Além de um discurso contrário aos riscos de contágio e à necessidade de isolamento social, o governo federal não adotou estratégias epidemiológicas preventivas para lidar com a pandemia, para tratar da saúde pública nem para conscientizar a população sobre os seus riscos. Em sua retórica, o presidente representou o Coronavírus como uma “gripezinha”, um simples resfriado, que não poderia interromper as atividades cotidianas. Em contraposição ao

discurso científico, Bolsonaro “[...] assumiu uma postura negacionista dos efeitos da doença, [...] e criou uma nova versão com suas palavras de ordem” (Hur; Sabucedo; Alzate, 2021, p. 555).

Além de sua postura negacionista, o governo Bolsonaro foi marcado por uma série de declarações polêmicas e de atitudes políticas controversas em relação à parcela oprimida da sociedade. Mattos (2022, p. 26) aponta que o conteúdo das declarações do então presidente envolve fortes doses de misoginia, de xenofobia, de racismo, de LGBTfobia, além de defender, entre outras ideias, “[...] a violência da polícia e dos ‘cidadãos de bem’ contra os ‘bandidos’, mas incluindo também a apologia à tortura e à ditadura militar”.

Atinente à postura política, Mattos (2022) afirma que Bolsonaro, em seu mandato presidencial, além de testar os limites do regime democrático, agitando a possibilidade de ruptura institucional, foi omissivo em relação à devastação da Amazônia, ao genocídio de povos indígenas e de comunidades tradicionais, ao tolerar queimadas, exploração de madeira e garimpos ilegais, beneficiando diretamente o empresariado ligado ao agronegócio.

Por essa razão, o terceiro mandato presidencial de Lula inicia com vários problemas provenientes da administração de seu antecessor imediato. Nesse sentido, entre os principais desafios governamentais de seu novo ciclo (2023-2026), podemos citar: a preservação da democracia e da soberania popular; os investimentos na área da educação; as políticas sociais voltadas à população pobre; a retomada do processo de consolidação do SUS, tão importante quanto sucateado no período pandêmico; os investimentos na segurança pública, para combater a violência urbana, o tráfico de drogas, a impunidade; a consolidação de uma Política Externa integrativa, com o objetivo de retomar a credibilidade do país no cenário político mundial, de firmar acordos com outros países, de restabelecer o protagonismo global do Brasil.

O espectro político na construção do ethos lulista

É preciso considerarmos, inicialmente, que, para Charaudeau (2015), a noção de política está interligada a de ato de linguagem, tendo em vista que ambas combinam, ao mesmo tempo, elementos discursivos e situacionais. Para o autor, o sentido político do ato de linguagem depende não apenas de seu conteúdo linguístico-discursivo, mas também das situações de comunicação nas quais se elaboram o pensamento e ação políticos.

Nesse sentido, o parâmetro situacional de nossa pesquisa é constituído também pelas preferências políticas de esquerda defendidas por Lula. Pensamos que tais ideias influenciam não somente o orador a pensar e a agir discursivamente conforme seu posicionamento no espectro que defende, mas, principalmente, a construir determinadas imagens de si no discurso. Por isso, ao pretendermos lançar mão das características da esquerda, buscamos averiguar de que modo tais características interferem na construção dos *ethé* nos discursos de posse presidencial de Lula.

No presente artigo, por uma delimitação teórico-metodológica, focalizamos precipuamente as características da esquerda no espectro político. No entanto, Lula é uma personalidade política que mostra uma tendência a adotar estratégias incompatíveis com o escopo de ideais político-ideológicos ao qual pertence, seja para combater a pobreza, seja para diminuir a desigualdade social no Brasil, seja para manter a ordem em um ambiente de tensão política (Singer, 2012). Por isso, não nos furtamos de abordar as características da direita e do centro quando necessárias na análise do discurso de posse presidencial.

É importante ressaltar, inicialmente, que, para Bobbio (1995, p. 31), “direita” e “esquerda” são termos antitéticos, uma vez que designam “[...] o contraste entre as ideologias e os movimentos em que se divide o universo, eminentemente conflitual, do pensamento e das ações políticas”. Por esse motivo, existem alguns pontos de distinção entre a esquerda e a direita, entre os quais podemos citar a busca pela igualdade (cf. Bobbio, 1995; Rosas, 2012).

Rosas (2012, p. 4) afirma que a “[...] esquerda tende a ser favorável ao ideal de igualdade e a direita tende a ser crítica”, tendo em vista que aquela considera que as desigualdades têm um caráter social, e esta enfatiza o seu aspecto natural. Sob esse viés, Bobbio (1995, p. 100) compreende que a esquerda é igualitária na medida em que tende a “[...] reduzir as desigualdades sociais e a tornar menos penosas as desigualdades sociais”. Assim, os adeptos da esquerda partem da convicção de que a maior parte das desigualdades são sociais e, enquanto tal, elimináveis; já os de direita entendem que a desigualdade é algo natural e, conseqüentemente, impossível de ser erradicada (Bobbio, 1995).

Especificamente no Brasil, o princípio da igualdade também é distintivo no que diz respeito às características da esquerda e da direita. No entanto, o que se observa no cenário político brasileiro não é a igualdade em si, mas sim o modo de atingir a igualdade, tendo em vista que “[...] a localização à esquerda está associada a imaginar as mudanças por meio da mobilização social, ainda que isso represente um perigo de desestabilização da ordem. Alternativa que a direita recusa” (Singer, 1998, p. 9).

Singer (1998) constata que, embora grande parte da sociedade seja favorável à mudança em prol da igualdade, não há concordância em relação aos meios para atingir tal objetivo, no sentido de manutenção ou não da ordem social, principalmente porque a esquerda tem uma postura desestabilizadora e a direita adota um comportamento moderado. Por essa razão, o autor afirma que o que divide a esquerda e a direita no Brasil não é mudar ou conservar, mas sim como mudar, uma a favor da estabilidade da ordem social (direita) e outra contra a ordem (esquerda).

Scheffer (2016) estabelece ainda uma distinção entre esquerda e direita no Brasil a partir das ideias estabelecidas pela socialdemocracia e pelo neoliberalismo. A primeira, alocada mais à esquerda, defende a intervenção econômica do Estado, o qual deve oferecer serviços estratégicos e de qualidade, a criação de programas sociais para superação da pobreza e da desigualdade social, a defesa de uma ampla legislação trabalhista. A segunda, alocada mais à direita, prioriza a existência de um Estado mínimo, já que o mercado se autorregula, além de uma limitação de gastos “exagerados” para combater a pobreza, de um mercado de trabalho desregulado, de uma privatização de serviços estratégicos (saúde, educação, segurança etc.).

Tarouco e Madeira (2013a; 2013b), por conseguinte, elaboram as seguintes categorias como indicativas, no Brasil, do posicionamento à direita no espectro político: menções positivas às forças armadas, livre iniciativa, ortodoxia econômica, limitação do Estado de Bem-Estar Social e referências favoráveis à classe média e a grupos profissionais (para contrastar com as referências à classe operária). Já as categorias indicativas do posicionamento à esquerda são as seguintes: regulação do mercado por parte do Estado, planejamento econômico estatal, economia controlada pelo Estado, expansão do Estado de Bem-Estar Social e referências positivas à classe trabalhadora.

Longe de esgotar essa temática, é válido ressaltar que o presidente nem sempre defende, discursivamente, a preferência política de esquerda, principalmente no que diz respeito às suas atitudes de mudança política, econômica e social “[...] em benefício da solução pelo alto, de uma autoridade constituída que pudesse proteger os mais pobres sem ameaça de instabilidade” (Singer, 2012, p. 58).

Entendemos que a preferência política de Lula, no ato de posse, pode ser acentuada pelo modo como são tratados os temas específicos dos domínios político, econômico, social, entre outros, pela ênfase dada a esses tópicos, e pela tomada de posições sobre essas questões, por meio da linguagem, do discurso. Por isso, ao fazermos um levantamento das ideias que caracterizam e distinguem a esquerda, posição que ocupa o presidente Lula no espectro político, nosso intuito é verificarmos de que modo tais ideias estão expressas em seu discurso de posse presidencial como aspecto a ser considerado na projeção de imagens de si.

O *ethos* na semiolinguística do discurso

A ASD, de modo geral, ao trabalhar com o linguístico e com o extralinguístico, leva em consideração, na análise do ato de linguagem, ao mesmo tempo, (i) a “*semiosis*”, porque a construção do sentido e a sua configuração se fazem através de uma relação forma-sentido, a partir das condições de produção do discurso e do processo de influência social engendrado por um sujeito empírico e intencional (ora individual, ora coletivo, condicionado pelas práticas sociais e discursivas), e (ii) o “*linguístico*”, por ser o principal material de análise (cf. Charaudeau, 2005).

Para entendermos como o *ethos* efetivamente se enquadra nessa teoria, devemos partir da noção de que o “[...] *ato de linguagem* é um fenômeno que combina o *dizer* e o *fazer*” (Charaudeau, 2001, p. 28, grifos do autor). Ora, o “*dizer*”, sendo organizado no interior da encenação discursiva, é constituído no espaço/circuito interno, propriamente linguístico e discursivo; e o “*fazer*” representa o lugar da instância situacional, dos elementos exteriores (sociais, históricos, políticos, ideológicos), do espaço/circuito externo.

Ressalte-se que, embora sejam duas realidades distintas entre si, o “*dizer*” e o “*fazer*” são indissociáveis na análise. Pensamos também que tais categorias devem ser postas numa relação dialético-contratual, porque o aspecto situacional, ao englobar o discursivo, determina-o não só pelo exterior (cena enunciativa) que envolve o ato de linguagem, mas também pelo que pode e deve ser dito, quais estratégias devem ser utilizadas para alcançar um dado objetivo, considerando os elementos linguísticos (lexicais, fraseológicos) e situacionais (sociais, ideológicos, históricos, políticos) que subjazem o contrato de comunicação.

Essa distinção conceitual é importante não somente para diferenciarmos os circuitos (externo e interno) que constituem o ato de linguagem, mas para compreendermos como este se desenvolve na encenação, como as estratégias e os processos envolvidos na produção e na interpretação do ato de linguagem são mobilizados pelos sujeitos, a partir dos quais se encontra a construção de um *ethos*.

Assim, segundo Charaudeau (2001; 2016), o ato de linguagem, além de ser dividido nesses dois circuitos, pressupõe a interação dos sujeitos responsáveis pelos processos de produção e interpretação do discurso. Charaudeau (2001, p. 29) argumenta ainda que tais sujeitos, seres psicossociais mais ou menos conscientes “[...] das práticas sociais e das representações imaginárias da comunidade a qual pertencem”, são implicados por uma relação contratual, a qual depende dos componentes comunicacional (quadro situacional), psicossocial (estatutos suscetíveis de serem reconhecidos pelos sujeitos) e intencional (conhecimento prévio sobre o outro que o sujeito possui ou que constrói para si mesmo, de forma imaginária).

Nesse sentido, é importante considerar, na ASD, que o sujeito comunicante do ato de linguagem possui uma dupla identidade, uma social e outra discursiva. Para Charaudeau (2009; 2015), a identidade social é o que confere ao sujeito o “direito à fala”,

isto é, que o legitima como ser comunicante, que o torna digno de crédito, em função do estatuto e do papel que lhe são atribuídos não só pela situação de comunicação, mas também pelo modo como o sujeito diz o que diz no discurso. Já a identidade discursiva torna possível a construção de uma imagem de si, a partir dos papéis sociais atribuídos a ele no ato de linguagem, das coerções da situação de comunicação e das estratégias que ele escolhe seguir, tais como os modos de tomada da palavra, a organização enunciativa do discurso, a manipulação dos imaginários sócio-discursivos.

O *ethos*, portanto, é resultante das identidades social e discursivas dos sujeitos, já que sua construção leva em consideração as percepções e expectativas dos sujeitos, os elementos externos ao discurso, o conhecimento tácito e mais ou menos consciente de um acordo contratual, isto é, do quadro situacional, dos papéis sociais que os sujeitos desempenham e do conhecimento prévio que o sujeito possui ou que constrói para si mesmo, de forma imaginária. Tais elementos são mostrados em algum nível (lexical, frasal, semântico) sobre o que é dito, no circuito interno, perceptíveis ao olhar do outro, o qual “[...] se apoia ao mesmo tempo em dados preexistentes ao discurso – o que ele sabe *a priori* do locutor – e nos dados trazidos pelo próprio ato de linguagem” (Charaudeau, 2015, p. 115).

Em relação aos elementos linguístico-textuais observáveis no circuito interno do ato de linguagem, os quais são imprescindíveis à construção do *ethos*, entendemos que

[...] qualquer elemento de ordem linguística (vocabulário, estrutura gramatical, relações entre frases, tópicos discursivos, composição textual), paralinguística (ações corporais, tom de voz, pausas), plurissemiótica (linguagem não verbal, como imagens estáticas ou em movimento, sons) pode ser pertinente à sua construção (Sousa & Nobre, 2020, p. 52).

Por essa razão, no presente estudo, baseados em Sousa (2021), delimitamos, como marcas verbais dos *ethé* de credibilidade e de identificação, a seleção de recursos lexicais (palavras que constituem os enunciados), fraseológicos (dois ou mais itens lexicais cujo significado deve ser apreendido em conjunto) e gramaticais (mecanismos sintáticos dos enunciados), alinhados ao campo semântico temático dos *ethé*.

Ademais, assim como Charaudeau (2015) assume uma posição de que o sujeito não é somente um ser discursivo nem somente um ser social, mas que engloba aspectos de ambos, razão pela qual é resultado da identidade social e da identidade discursiva, adotamos uma visão similar em relação ao *ethos*, pois entendemos que a construção das imagens de si não depende exclusivamente dos elementos que estão presentes na superfície linguístico-textual do discurso. Especificamente no que diz respeito à análise do *ethos* no discurso político de posse presidencial, é preciso considerar também a conjuntura histórico-social e política envolvida nessa construção, tais como as condições de produção do discurso e o espectro político.

Ethé de credibilidade e de identificação

Para Charaudeau (2015), a credibilidade e a identificação são duas categorias essenciais na construção de uma imagem de si no discurso político, seja pela legitimação (eleição, papel social, trajetória política) que torna o sujeito comunicante digno de crédito, seja pela construção de sua identidade social, seja pela identificação dos outros participantes do ato de linguagem, seja pela maneira em que são utilizadas as estratégias discursivas para se alcançar objetivos comunicativos diversos.

A partir da ideia de que há mais propensão de persuadir um público quando o orador desvela traços de fidedignidade, de confiabilidade e de caráter (cf. Aristóteles, 2005), Charaudeau (2015) defende que a credibilidade e a identificação também são estratégias persuasivas no âmbito político. Para mostrar-se digno de crédito, o político precisa dizer a verdade (condição de sinceridade), realizar o que promete (condição de *performance*) e utilizar os artifícios necessários para alcançar os objetivos desejados (condição de eficácia). Já a identificação é baseada no afeto social, nas expectativas e nos imaginários dos cidadãos, os quais, mediante um processo de identificação irracional, fundam suas identidades (social e discursiva) na do político.

Assim, para satisfazer as condições de credibilidade, o sujeito comunicante constrói de si os *ethé* de sério, de virtuoso e de competente; e os *ethé* de identificação podem ser divididos em potência, caráter, inteligência, humanidade, chefe e solidariedade.

Nesse sentido, segundo Charaudeau (2015), o *ethos* de sério é construído pela postura corporal rígida, por uma expressão menos sorridente do político, por índices comportamentais de autocontrole diante das críticas, de frieza diante das adversidades, por atitudes que demonstram energia e capacidade de trabalho. Ademais, o político é considerado sério quando não participa de atividades frívolas, não brinca, não deixa transparecer que existem suspeitas de infidelidade conjugal ou de indiferença em relação a sua família.

Para construir de si um *ethos* de virtude, Charaudeau (2015) afirma que o político deve demonstrar sinceridade e fidelidade quanto às ideias e atitudes políticas, aos valores, nem discutíveis nem negociáveis, que estão na base de seu projeto político. Outro traço desse *ethos* é a honestidade e a retidão tanto na vida pública quanto na privada, mostradas quando o político não participa nem é acusado de escândalos de corrupção ou atos ilícitos, quando defende um ideal coletivo e não uma ambição pessoal. Ademais, a virtude é expressada quando se respeita a validade do julgamento e crítica do adversário, quando se reconhece os próprios erros, quando se respeita o cidadão, quando o político é transparente naquilo que fala e faz.

O *ethos* de competente, por conseguinte, é caracterizado quando o político demonstra ter conhecimento do universo político para exercer a sua atividade de modo que beneficiem a coletividade, ratificando que possui os meios, a experiência e os conhecimentos necessários para agir de maneira eficaz diante das circunstâncias que se apresentam (Charaudeau, 2015).

Já o *ethos* de potência tem como principal característica a energia física, no sentido de que o político vocifera pela voz e pelo verbo, ao proferir insultos e ameaças aos adversários políticos, àqueles que não partilham ou defendem a mesma opinião do grupo o qual pertence; outrossim, a potência pode ser percebida quando o político é determinado em suas ações, de modo militar e coordenado, estando em todas as frentes e em manifestações políticas a seu favor (Charaudeau, 2015).

De acordo com Charaudeau (2015), o *ethos* de caráter é construído a partir das seguintes características: da indignação pessoal do político, quando reage a declarações, decisões ou comportamentos da instância adversária; da confiança e da tenacidade combativa daquele que não abandona seus compromissos, que calcula e projeta o futuro; da força protetora e serena de quem guia os governados; do controle de si, do equilíbrio e da calma diante das circunstâncias desfavoráveis, ponderando os prós e os contras de uma situação, antes de tomar a melhor atitude; da coragem que o político transparece possuir para enfrentar as adversidades, sem enfraquecer e sem ceder à demagogia; da ambição pessoal em realizar uma grande obra, de defender os valores e a integridade identitária de seu povo; da reivindicação de ação efetiva daqueles que compõem a

instância política, demonstrando energia e determinação inabalável para tal finalidade; e da moderação, desvelada quando um político age de modo a intermediar, conciliar, acalmar as partes que estão em conflito ou em situações polêmicas.

O *ethos* de inteligência pode ser construído quando o político busca provocar a admiração e o respeito da instância cidadã, a partir de seu arcabouço cultural proveniente da formação acadêmica, da escrita de livros, da participação em programas culturais, exposições e outras manifestações artísticas. Ademais, o político demonstra ser inteligente quando sabe dissimular certas intenções para realizar projetos, fazendo crer que tem certos objetivos para melhor atingir seus fins (Charaudeau, 2015).

Segundo Charaudeau (2015), o *ethos* de humanidade é caracterizado quando o político demonstra ter empatia para com a população, para com o outro que sofre; quando confessa as suas fraquezas, expondo seus gostos e suas preferências pessoais mais íntimas; quando o político transparece ter compaixão em situações dramáticas; quando reconhece as críticas de seus adversários, reconhecendo que não fez o suficiente para resolver uma situação de crise; quando o político faz um balanço de sua atividade passada e confessa não ter obtido sucesso em todas as suas frentes; quando reconhece que um cálculo, mesmo com certa lógica, revelou-se equivocado.

O *ethos* de chefe é manifestado por meio das seguintes figuras: de guia supremo, percebida pela sua capacidade de guiar um grupo social diante das adversidades; de chefe-soberano, identificada quando o político assume uma posição de fiador de valores e princípios democráticos; e de comandante, quando o político sabe distinguir entre o bem e o mal, e indicar a via a seguir para combater as forças do mal. Ressalte-se ainda que a imagem de chefe pode ser constituída também pelo reconhecimento de uma falta cometida no passado e pedido de perdão (Charaudeau, 2015).

O *ethos* de solidariedade, por fim, caracteriza-se pela vontade do político de não se distinguir dos outros membros do grupo, de ser uma pessoa atenta às necessidades e aos sofrimentos dos outros, de não se colocar em uma posição diferente da dos outros. Outrossim, a solidariedade é vista quando o político partilha e respeita as opiniões e decisões de seus partidários, quando deixa entrever que existe uma relação de reciprocidade entre seus atos e declarações, quando se mostra consciente de suas responsabilidades políticas, quando diz que ouve o povo, que respeita a participação e opinião dos cidadãos nas tomadas de decisões coletivas (Charaudeau, 2015).

Aspectos metodológicos para análise do *ethos*

Nosso material de análise é constituído pelo discurso do presidente Lula no Parlatório do Palácio do Planalto, proferido em 1º janeiro de 2023. Encontramos a transcrição taquigráfica integral desse discurso no *site* do Governo Federal³, acessando a aba “Acompanhe o Planalto”. Logo em seguida, encontramos a opção “Discursos e Pronunciamentos” do presidente da República, por onde acessamos o discurso de posse.

Em decorrência do objetivo principal do presente estudo, qual seja, de analisar as imagens de si construídas por Luiz Inácio Lula da Silva, em seu discurso de posse presidencial (2023), sob uma perspectiva semiolinguística, como procedimento analítico, consideramos a totalidade do ato de linguagem, constituído, ao mesmo tempo, de aspectos histórico-sociais e políticos e de marcas verbais, as quais, além de indicar os posicionamentos políticos dos oradores, são meios pelos quais se pode evidenciar as imagens de si.

Além disso, os aspectos histórico-sociais e políticos que levamos em conta estão

³ Disponível em: GOV.BR (www.gov.br)

relacionados, respectivamente, às condições de produção do discurso de posse presidencial de Lula e ao espectro político de esquerda. Pensamos que a conjuntura histórico-sócio-política que envolve as situações e as circunstâncias de enunciação do discurso de posse presidencial, bem como a preferência política de esquerda, direta ou indiretamente, influenciam na construção das imagens que o presidente mostra de si próprio em seu discurso de posse (Sousa, 2021).

No que se refere às marcas verbais, entendemos que estas podem ser evidenciadas pela seleção de recursos lexicais (palavras que constituem os enunciados), de recursos fraseológicos (dois ou mais itens lexicais cujo significado deve ser apreendido em conjunto) e de recursos gramaticais (mecanismos sintáticos dos enunciados), alinhados ao campo semântico temático dos *ethé* (cf. Sousa, 2021).

Em relação à abordagem, esta pesquisa é caracterizada pelos tipos descritivo, qualitativo e explicativo de análise de dados. Assim, a partir da descrição da situação e circunstância de enunciação do discurso de posse presidencial, bem como da ideia prévia que se tem da posição de Lula no espectro político, aferimos como tais aspectos influenciam na construção das imagens de si. Em relação às ocorrências linguísticas recorrentes no discurso político, interessa-nos descrever e compreender fundamentalmente o seu funcionamento na constituição dos *ethé* (cf. Sousa, 2021).

Análise do *ethos* de Lula sob uma perspectiva semiolinguística

Considerando a conjuntura política, o espectro político de esquerda e a recorrência de indícios linguístico-textuais, procedemos à análise do *ethos* de Lula, em seu discurso de posse presidencial proferido no Parlatório do Palácio do Planalto, no dia 1º de janeiro de 2023.

Inicialmente, dividimos o discurso de posse presidencial, didaticamente, em seis blocos, pela temática abordada e, portanto, pela constituição de imagens de si específicas, mas não isoladas entre si, os quais podemos nomear da seguinte forma:

- **1º bloco:** desejo de retomada da democracia, da união do povo brasileiro; críticas ao governo anterior;
- **2º bloco:** referências ao seu primeiro mandato (avanços e legado) e ao segundo mandato de Dilma; combate à desigualdade;
- **3º bloco:** governança pautada na construção de uma sociedade justa, democrática, próspera e moderna; combate a todas as formas de desigualdade (econômica, de gênero, de raça, na representação política, no acesso à saúde, à educação);
- **4º bloco:** combate ao preconceito, à discriminação e ao racismo, por meio da (re)criação de Ministérios específicos (Igualdade Racial, Povos Indígenas, Mulheres);
- **5º bloco:** compromisso de acabar com a fome, de gerar empregos, de investir na educação, de fortalecer o SUS e a agricultura familiar, de reduzir o desmatamento na Amazônia; responsabilidade com as finanças do país; críticas ao governo anterior;
- **6º bloco:** críticas ao governo anterior; projeção futura do plano de governo para reconstrução e transformação do Brasil; convite à formação de uma frente ampla que envolva a sociedade como um todo.

Em relação ao primeiro bloco de seu discurso de posse, no tocante à conjuntura política, Lula faz referência à campanha eleitoral, asseverando a força do povo brasileiro ao enfrentar uma espécie de “violência política”, seja nas redes sociais (disseminação de

Fake News e de discurso de ódio, ataque à lisura das urnas eletrônicas, ao STF), seja nas ruas (censura, intolerância), seja nos símbolos nacionalistas (apropriação de cores verde e amarelo, bandeira do Brasil). Indiretamente, o enunciador faz uma crítica à retórica violenta pregada pela instância adversária (catalisada em Jair Bolsonaro), recorrente não somente durante a campanha presidencial, mas em toda a sua gestão.

- (1) Minha gratidão a vocês, que enfrentaram a violência política antes, durante e depois da campanha eleitoral. [...] Que tiveram a coragem de vestir a nossa camisa e, ao mesmo tempo, agitar a bandeira do Brasil – quando uma minoria violenta e antidemocrática tentava censurar nossas cores e se apropriar do verde-amarelo, que pertence a todo o povo brasileiro.
- (2) [...] É hora de rearmos os laços com amigos e familiares, rompidos pelo discurso de ódio e pela disseminação de tantas mentiras. O povo brasileiro rejeita a violência de uma pequena minoria radicalizada que se recusa a viver num regime democrático.
- (3) A disputa eleitoral acabou. Repito o que disse no meu pronunciamento após a vitória em 30 de outubro, sobre a necessidade de unir o nosso país. [...] Somos um único país, um único povo, uma grande nação”.

Além disso, o enunciador reafirma a sua posição política de democrático, de que não interessa a desarmonia, a divisão e a intolerância, de rejeição a ataques contra a democracia, de que é preciso reatar laços antes rompidos pelo discurso de ódio e pela disseminação de mentiras, de que seu governo será para todos os brasileiros. Esse movimento, embora não seja necessariamente característico somente de quem se aloca à esquerda no espectro político, é uma estratégia discursiva utilizada para salientar a rejeição e a descontinuidade das ideias e atitudes políticas da administração anterior, em que uma pequena minoria se recusa a viver num regime democrático.

Nesse primeiro momento de seu discurso, Lula projeta uma imagem de nacionalista, por reconhecer a soberania do povo brasileiro, por rejeitar ideias violentas e antidemocráticas, por ressaltar seu governo para todos. Esse *ethos*, além de se justificar pela conjuntura política e pelo espectro político ideológico, é evidenciado na utilização de recursos fraseológicos cujo campo semântico relaciona-se às ideias de nacionalismo, tendo em vista que o orador, em seu discurso, fala de “rejeição à violência política”, “governo de e para todos”, “restauração da união”.

No que diz respeito ao segundo bloco de ideias contidas em seu discurso, o enunciador rememora a posse de seu primeiro mandato, em que assumiu o compromisso de recuperar a dignidade e a autoestima do povo brasileiro, de investir em melhorias nas condições de vida de quem mais necessita, de cuidar da saúde e da educação, e, principalmente, de lutar contra a desigualdade e a extrema pobreza.

- (4) [...] assumimos o compromisso de recuperar a dignidade e a autoestima do povo brasileiro – e recuperamos. De investir para melhorar as condições de vida de quem mais necessita – e investimos. De cuidar com muito carinho da saúde e da educação – e cuidamos. Mas o principal

compromisso que assumimos em 2003 foi o de lutar contra a desigualdade e a extrema pobreza. [...] Muito do que fizemos foi desfeito de forma irresponsável e criminosa.

Nesses excertos de seu discurso, podemos inferir que o enunciador fala de uma conjuntura histórico-social marcada pelo descompromisso político posterior à gestão PT na presidência (a partir de 2016, após o *impeachment* de Dilma Rousseff, principalmente), que, de forma “irresponsável” e “criminosa”, desfez as ações que ele executou no combate à desigualdade, à extrema pobreza, à miséria e à fome. Ademais, em seu terceiro mandato, Lula demonstra preocupação em construir um futuro sem tanta desigualdade para com aqueles que passam fome, razão pela qual constrói de si um *ethos* de solidário, uma vez que repudia a fome, a desigualdade, a pobreza, a miséria. Ressalte-se que a ideia de defesa de ações para grupos considerados desprivilegiados, característica do espectro político de esquerda (cf. Tarouco & Madeira, 2013; Scheeffler 2016), as quais ele tem a intenção de retomar em seu novo ciclo, influencia na construção da imagem de solidário.

Os recursos lexicais empregados compõem um campo semântico de expressões ligadas à ideia de solidariedade aos mais pobres, identificadas em “recuperar a dignidade e a autoestima do povo brasileiro”, “investir em melhorias nas condições de vida de quem mais necessita”, “lutar contra a desigualdade e a extrema pobreza”. É importante ressaltar ainda que a repetição reiterada, depois de cada temática, entre o dito e o feito, a promessa e a ação (“recuperamos”, “investimos”, “cuidamos”, “fizemos”) são indícios que evidenciam um *ethos* de compromisso e de eficiência, atrelados à solidariedade.

No bloco 3 de seu discurso, o enunciador detalha todas as formas de desigualdade presentes na sociedade brasileira.

- (5) Nestes últimos anos, o Brasil voltou a ser um dos países mais desiguais do mundo. Há muito tempo não víamos tamanho abandono e desalento nas ruas. Mães garimpando lixo, em busca do alimento para seus filhos. Famílias inteiras dormindo ao relento, enfrentando o frio, a chuva e o medo.
- (6) Desigualdade de renda, de gênero e de raça. Desigualdade no mercado de trabalho, na representação política, nas carreiras do Estado. Desigualdade no acesso a saúde, educação e demais serviços públicos.
- (7) Por isso, assumimos hoje, diante de vocês e de todo o povo brasileiro, o compromisso de combater dia e noite todas as formas de desigualdade.

Novamente, percebemos o compromisso do enunciador em combater todas as formas de desigualdade que são constitutivas da conjuntura social brasileira, que é uma das mais desiguais do mundo em relação à renda, ao gênero, à raça, ao mercado de trabalho, à representação política, ao acesso à saúde e à educação (Singer, 1998).

Essa compreensão do cenário político revela não só a solidariedade do presidente para com aqueles que se encontram em situação de abandono, desalentados, sem emprego, sem acesso à educação e à saúde, mas também o seu compromisso e a sua vontade de agir para amenizar essas mazelas sociais para construir uma sociedade mais justa e democrática, em decorrência de suas ideias políticas (à esquerda do espectro político). Por essas razões, é constituída uma imagem de solidário do enunciador.

Outrossim, um indício linguístico-textual que evidencia esse *ethos* é encontrado na frase “assumimos o compromisso de combater dia e noite todas as formas de desigualdade”.

Em relação ao quarto bloco do discurso, Lula assevera a sua defesa contra o preconceito, a discriminação e o racismo, tão presentes na conjuntura social brasileira, e anuncia ações concretas para combatê-los de forma direta e assegurar que todos tenham os mesmos direitos e oportunidades.

- (8) Ninguém será cidadão ou cidadã de segunda classe, ninguém terá mais ou menos amparo do Estado, ninguém será obrigado a enfrentar mais ou menos obstáculos apenas pela cor de sua pele. Por isso estamos recriando o Ministério da Igualdade Racial, para enterrar a trágica herança do nosso passado escravista.
- (9) Os povos indígenas precisam ter suas terras demarcadas e livres das ameaças das atividades econômicas ilegais e predatórias. [...] Por isso estamos criando o Ministério dos Povos Indígenas, para combater 500 anos de desigualdade.
- (10) É inadmissível que continuem a receber salários inferiores ao dos homens, quando no exercício de uma mesma função. Elas precisam conquistar cada vez mais espaço nas instâncias decisórias deste país. As mulheres devem ser o que elas quiserem ser, devem estar onde quiserem estar. Por isso, estamos trazendo de volta o Ministério das Mulheres.

Podemos perceber que o enunciador defende os interesses de minorias sociais (não necessariamente em quantidade), tais como negros, indígenas e mulheres, o que é uma atitude comum de sua inscrição no espectro político de esquerda. Esses trechos são característicos de um *ethos* de competente, uma vez que o político, além de compreender que existem demandas focalizadas nessa parcela da sociedade, o que demonstra o seu conhecimento da conjuntura sociopolítica, propõe medidas práticas, como a (re)criação de Ministérios específicos, cujos objetivos são “enterrar a trágica herança do nosso passado escravista”, de “combater 500 anos de desigualdade”, e de tornar a sociedade menos desigual no quesito gênero, pois, assim, as mulheres podem “conquistar cada vez mais espaço nas instâncias decisórias no país”. Os recursos fraseológicos que veiculam a imagem de competente são os seguintes: “estamos recriando o Ministério da Igualdade Racial”, “estamos criando o Ministério dos Povos Indígenas”, “estamos trazendo de volta o Ministério das Mulheres”. Além disso, a ideia de “Nós” é fundamental para a legitimação do projeto político, a qual transita entre o “Nós” do governo eleito e o “Nós” ideológico do grupo social que representa o desejo do eleitor.

Já no bloco 5, o enunciador faz uma releitura das principais ações realizadas em seus mandatos anteriores, as quais justificam a sua competência política. Além disso, essas ações foram realizadas no sentido de cuidar de todos os brasileiros e brasileiras, sobretudo daqueles que mais necessitam, o que demonstra o seu sentimento de solidariedade. Por fim, o presidente demonstra um nacionalismo ao tecer algumas críticas ao último chefe do executivo, classificando-o como “irresponsável, desumano e destruidor”, razão pela qual a realidade social, histórica e política de seu terceiro mandato está longe de ser aquela das primeiras décadas do século XXI (as quais foram governadas por Lula e por Dilma Rousseff).

- (11) Reassumo o compromisso de cuidar de todos os brasileiros e brasileiras, sobretudo daqueles que mais necessitam. De acabar outra vez com a fome neste país. De tirar o pobre da fila do osso para colocá-lo novamente no Orçamento.
- (12) Em nossos governos, o Brasil conciliou crescimento econômico recorde com a maior inclusão social da história.

Assim, nesse bloco, o enunciador constrói de si o *ethos* de solidário, percebido quando ele reafirma o seu objetivo de cuidar de todos os brasileiros e brasileiras, especialmente daqueles que mais necessitam, de acabar outra vez com a fome, de tirar o pobre da “fila do osso” para colocá-lo novamente no orçamento, conciliando sempre o crescimento econômico com a inclusão social. Percebe-se, aqui, a defesa de uma economia controlada pelo governo, a qual servirá para expandirem-se os serviços sociais e criarem-se ações afirmativas para grupos considerados desprivilegiados, características esperadas por quem tem preferência pelas ideias de esquerda no espectro político. Como evidência linguístico-textual desse *ethos*, têm-se os recursos fraseológicos que constituem um campo semântico de expressões relacionadas ao cuidado com os mais necessitados: “cuidar sobretudo daqueles que mais necessitam”, “acabar outra vez com a fome neste país”, “tirar o pobre da fila do osso”. Outrossim, a transição do “Nós” para o “Eu” (“reassumo”) demonstra um *continuum*, que vai do projeto difuso ao compromisso pessoal, como pessoa e como presidente.

Ainda nesse bloco, é construída uma imagem de competente.

- (13) E se tornou a sexta maior economia do mundo, ao mesmo tempo em que 36 milhões de brasileiras e brasileiros saíram da extrema pobreza.
- (14) Geramos mais de 20 milhões de empregos com carteira assinada e todos os direitos assegurados. Reajustamos o salário mínimo sempre acima de inflação.
- (15) Batemos recorde de investimentos em educação – da creche à universidade –, para fazer do Brasil um exportador também de inteligência e conhecimento, e não apenas de commodities e matéria-prima.
- (16) Fizemos o Farmácia Popular, que forneceu medicamentos a quem mais precisava, e o Mais Médicos, que levou atendimento a cerca de 60 milhões de brasileiros e brasileiras.
- (17) Fortalecemos o nosso Sistema Único de Saúde.
- (18) Tomamos medidas concretas para conter as mudanças climáticas, e reduzimos o desmatamento da Amazônia em mais de 80%.
- (19) Fomos capazes de realizar tudo isso cuidando com total responsabilidade das finanças do país. Nunca fomos irresponsáveis com o dinheiro público.

O *ethos* de competente é identificado na medida em que o enunciador não somente se coloca como aquele que entende os atuais problemas da sociedade brasileira (educação, saúde, economia), mas que sabe o que é preciso fazer para melhorar essa realidade. Ao listar algumas medidas realizadas em seu governo anterior, na verdade, ele busca justificar a sua competência com base no seu comportamento solidário, atentando-se aos mais pobres, sempre com responsabilidade econômica. Ao mencionar, em seu discurso de posse presidencial, que vai “tirar milhões de brasileiros da extrema pobreza”, “reajustar o salário mínimo sempre acima de inflação”, “fornecer medicamentos a quem mais precisava”, “levar atendimento médico nas periferias das grandes cidades e nos pontos mais remotos do Brasil (Farmácia Popular, Mais Médicos)”, “fortalecer o SUS”, “conter as mudanças climáticas”, “reduzir o desmatamento da Amazônia”, Lula demonstra que sabe o que fazer em seu novo governo, sem ganância desnecessária, de modo que beneficie o povo brasileiro como um todo, bem como constituem recursos fraseológicos cujo campo semântico ressalta a competência do enunciador.

Os fragmentos abaixo são relativos ao *ethos* de nacionalista, presente no quinto bloco de seu discurso de posse presidencial.

- (20) Infelizmente, muito do que construímos em 13 anos foi destruído em menos da metade desse tempo. Primeiro, pelo golpe de 2016 contra a presidenta Dilma. E na sequência, pelos quatro anos de um governo de destruição nacional cujo legado a História jamais perdoará.
- (21) Os Grupos Técnicos do Gabinete de Transição, que por dois meses mergulharam nas entranhas do governo anterior, trouxeram a público a real dimensão da tragédia. O que o povo brasileiro sofreu nestes últimos anos foi a lenta e progressiva construção de um genocídio.

A imagem de nacionalista é verificada na crítica direcionada diretamente ao governo anterior, considerado pelo enunciador como “destruidor”, “trágico”, “genocida”. Lula fundamenta a sua avaliação com base no relatório produzido pelo Gabinete de Transição governamental, o qual concluiu que houve “recordes de feminicídios”, regressão no quesito políticas de igualdade, desmonte de políticas de juventude, e desvalorização dos direitos indígenas. A ideia de nacionalismo, por meio do conjunto de críticas à gestão anterior, é evidenciada na seleção lexical utilizada por Lula, tais como “destruição nacional”, “tragédia”, “genocídio”, “feminicídio”, “retrocessos”, “desmonte”.

No último bloco de seu discurso de posse presidencial, o enunciador faz referência ao seu plano de governo para reconstrução e transformação do Brasil, e convida a sociedade como um todo a formar uma frente ampla contra a desigualdade, razões pelas quais ele projeta um *ethos* de competente e de nacionalista, respectivamente.

- (22) Agora é hora de voltar a cuidar do Brasil e do povo brasileiro. Gerar empregos, reajustar o salário mínimo acima da inflação, baratear o preço dos alimentos. Criar ainda mais vagas nas universidades, investir fortemente na saúde, na educação, na ciência e na cultura. [...] É hora de trazer

investimentos e reindustrializar o Brasil. Combater outra vez as mudanças climáticas e acabar de uma vez por todas com a devastação de nossos biomas, sobretudo a Amazônia. Romper com o isolamento internacional e voltar a se relacionar com todos os países do mundo.

- (23) Em meus quatro anos de mandato, vamos trabalhar todos os dias para o Brasil vencer o atraso de mais de 350 anos de escravidão. Para recuperar o tempo e as oportunidades perdidas nesses últimos anos. Para reconquistar seu lugar de destaque no mundo.

O enunciador projeta uma imagem de competente ao compreender a necessidade de agir em determinados setores da sociedade, em seu terceiro mandato presidencial, ao mesmo tempo em que faz um balanço atento das demandas nos âmbitos econômico, político, social, cultural, os quais não foram devidamente contemplados em governos anteriores (a partir de 2016 até 2022). Por isso, ele intenciona gerar empregos, reajustar o salário mínimo acima da inflação, baratear o preço dos alimentos, criar ainda mais vagas nas universidades, investir fortemente na saúde, na educação, na ciência e na cultura, investir e reindustrializar o Brasil, combater as mudanças climáticas, acabar de uma vez por todas com a devastação de nossos biomas, sobretudo a Amazônia, romper com o isolamento internacional e voltar a se relacionar com todos os países do mundo. Ressalte-se a recorrência de verbos de ação no infinitivo como um recurso linguístico-textual que evidencia a competência do enunciador (“gerar”, “reajustar”, “baratear”, “criar”, “investir”).

Na sequência, tem-se trechos que veiculam o *ethos* de nacionalista atribuído a Lula.

- (24) É tempo de união e reconstrução. Por isso, faço este chamamento a todos os brasileiros e brasileiras que desejam um Brasil mais justo, solidário e democrático: juntem-se a nós num grande mutirão contra a desigualdade.
- (25) E que estejamos sempre prontos a reagir, em paz e em ordem, a quaisquer ataques de extremistas que queiram sabotar e destruir a nossa democracia. Na luta pelo bem do Brasil, usaremos as armas que nossos adversários mais temem: a verdade, que se sobrepôs à mentira; a esperança, que venceu o medo; e o amor, que derrotou o ódio.

A imagem de nacionalista é observada quando o enunciador refere-se à “união” e à “reconstrução”, pela busca de um Brasil mais “justo”, “solidário”, “democrático”, assim como convida a população em geral (adeptos e opositores) a combater a desigualdade, e a reagir a “quaisquer ataques extremistas que queiram sabotar e destruir a democracia”, usando a “verdade”, a “esperança” e o “amor”, armas mais temidas pela instância adversária. A escolha lexical (“união”, “reconstrução”, “nação justa, solidária, democrática”) reforça o *ethos* de nacionalista.

A análise desse discurso nos permite compreender que, ao projetar imagens de si de nacionalista, de solidário e de competente, Lula não apenas objetiva facilitar o processo de interpretação, isto é, de fazer-se entender, mas também para convencer o povo da eficácia de seu novo projeto político, para reafirmar o seu compromisso de governar para todos os brasileiros (divididos por uma eleição presidencial bastante polarizada), para

rejeitar ataques contra a democracia, para unir e (re)construir uma nova nação, para criticar o governo anterior (“destruidor”, “genocida”, “trágico”, por exemplo). Para tal intento, ele se utiliza de recursos fraseológicos e de seleção lexical que compõem um campo semântico de expressões ligadas ora à idéia de nacionalismo, ora de solidariedade, ora de competência.

Considerações finais

No presente artigo, analisamos as imagens de si construídas por Luiz Inácio Lula da Silva, em seu discurso de posse presidencial (2023), sob uma perspectiva semiolinguística, considerando os aspectos histórico-sociais e políticos, e as marcas linguístico-textuais que evidenciam as imagens de si.

Constatamos que Lula projeta de si imagens de nacionalista, de solidário e de competente, principalmente. Nesse sentido, o *ethos* de nacionalista é caracterizado porque o enunciador assevera a sua rejeição a ataques contra a democracia, critica a gestão presidencial anterior, reafirma a união e a (re)construção de um governo de e para todos os brasileiros. Já a imagem de solidário é projetada quando Lula expressa o seu compromisso de combater a desigualdade, a fome, a pobreza, a miséria, a sua preocupação para com os mais pobres, em construir uma sociedade menos desigual, e em promover um crescimento econômico sempre conciliado com a inclusão social. O *ethos* de competente, por fim, é percebido quando o enunciador demonstra conhecimento dos atuais problemas da sociedade brasileira (ocasionados principalmente no governo anterior), de demandas sociais, econômicas, educacionais, culturais, políticas, e propõe um plano de governo benéfico e responsável, com medidas práticas relacionadas a setores importantes da sociedade.

É preciso pontuar ainda que a presente pesquisa, ao replicar um método de análise (cf. Sousa, 2021) em um material de análise específico, não tem pretensão de esgotar nem engessar as discussões acerca do *ethos* no discurso político, nem propor categorias de um modelo analítico, razão pela qual possui lacunas teórico-metodológicas que requerem uma revisitação, principalmente no que diz respeito à operacionalização de aspectos linguístico-textuais.

Uma lacuna que o estudo empreendido aqui evidencia é a necessidade de adequação teórico-metodológica das categorias de análise propostas por Charaudeau (2015) ao cenário político brasileiro, considerando os aspectos histórico-sociais, políticos e linguístico-textuais. Tal proposta pode partir da observação dos tipos de *ethé*, dos aspectos linguístico-textuais que se sobressaem e dos critérios metodológicos e analíticos aqui empregados, em *corpora* específicas do sistema político brasileiro.

Referências

ABREU, Cláudia Tammy Cruz. **A construção da imagem de Luiz Inácio Lula da Silva: o ethos mítico no discurso político.** 2021. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA. 110f.

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. *In*: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos.** São Paulo: Contexto, 2013. p. 9-28.

ARISTÓTELES. **Retórica.** Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

BAVIERA, Evaldo. **Discurso político, ethos e memória discursiva: uma análise da constituição do sujeito Lula.** 2008. Dissertação (Mestrado), Universidade de Franca, Franca, SP. 98f.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista (UNESP), 1995.

BOITO JR., Armando. Lava-Jato, classe média e burocracia de estado. **Revista Lumen**, v. 2, n. 3, 2017.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. *In*: MARI, Hugo; MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de. **Análise do discurso: fundamentos e práticas.** Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso.** São Paulo: Contexto, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. *In*: PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (Orgs.). **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11-27.

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. *In*: PIETROLUONGO, Márcia. (Org.). **O trabalho da tradução.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009. p. 309-326.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político.** São Paulo: Contexto, 2015.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização do discurso.** São Paulo: Contexto, 2016.

FREITAS, Geisa Fróes de. **A constituição dos ethé no discurso político: um estudo dos discursos de posse dos presidentes Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva.** 2012. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA. 149f.

HUR, Domênico; SABUCEDO, José Manuel; ALZATE, Mónica. Bolsonaro e Covid-19: negacionismo, militarismo e neoliberalismo. **Psicologia Política**, v. 21, n. 51. p. 550-569, 2021.

LIMA, Martonio Mont'Alverne Barreto; LINHARES, Emanuel Andrade. "Medidas excepcionais para tempos excepcionais": a Operação Lava Jato e a erosão democrática brasileira. **Revista de Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria do Direito (RECHTD)**, n. 13, v. 3), p. 370-389, 2021.

MATTOS, Marcelo Badaró. Governo Bolsonaro: neofascismo e autocracia burguesa no Brasil. **Revista Relações Internacionais**, v. 73, p. 25-39, 2022.

OLIVEIRA, Natália Rocha. **A construção do ethos dos presidentes brasileiros em debates televisivos: 1989 – 2014.** 2019. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio

de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ. 349f.

RENNÓ, Lucio. Bolsonarismo e as eleições de 2022. **Revista Estudos Avançados**, v. 36, n. 106, p. 147-163, 2022.

ROCHA, Max Silva; MELO, Deywid Wagner; MOURA, João Benvindo. As artimanhas do ethos durante um pronunciamento do presidente Lula. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v.23, n.1, 2023.

ROSAS, João Cardoso. Direita/esquerda. In: MARQUES, António; AURÉLIO, Diogo Pires (Coords.). **Dicionário de Filosofia Moral e Política**. Lisboa: Instituto de Filosofia da Nova, 2012. p. 1-7.

SCHEEFFER, Fernando. **Ideologia e comportamento parlamentar na Câmara dos Deputados: faz sentido ainda falar em esquerda e direita?** 2016. Tese (doutorado), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC. 291 f.

SILVA, José Otacílio. Charaudeau. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral. (Org.). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 235-260.

SINGER, André Vitor. **Identificação ideológica e voto no Brasil: o caso das eleições presidenciais de 1989 e 1994**. 1998. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. 213f.

SINGER, André Vitor. **Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SOUSA, Alisson Fernando Abreu; NOBRE, Kennedy Cabral. A construção do *ethos* em discursos de posse presidencial de Fernando Henrique Cardoso (1995) e Luís Inácio Lula da Silva (2004). **Revista Eletrônica De Estudos Integrados Em Discurso E Argumentação**, n. 20, v. 2, p. 49-79, 2020.

SOUSA, Alisson Fernando Abreu. **Ethé de credibilidade e de identificação em discursos de posse presidencial no Brasil**. 2021. Dissertação (Mestrado), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Redenção, CE. 150f.

TAROUCO, Gabriela Silva; MADEIRA, Rafael Machado. Esquerda e direita no sistema partidário brasileiro: análise de conteúdo de documentos programáticos. **Revista Debates**, v. 7, n. 2, p. 93-114, 2013a

TAROUCO, Gabriela Silva; MADEIRA, Rafael Machado. Partidos, programas e o debate sobre esquerda e direita no Brasil. **Revista de Sociologia e Política**, v. 21, n. 45, p. 149-165, 2013b.

TAROUCO, Gabriela Silva. Esquerda, direita e eleições presidenciais no Brasil. **Revista Estudos Avançados**, v. 36, n. 106, p. 133-145, 2022.

Submetido em 21 de maio de 2024.

Aprovado em 26 de junho de 2024.